



CMUHE040146

FARJALLAT, Célia Siqueira. Doenças na antiga Campinas. Correio Popular, Campinas, 11 nov. 2002.

BATE-PAPO

CÉLIA SIQUEIRA FARJALLAT



Doenças na antiga Campinas

Algumas doenças antigas voltaram. Estão na moda outra vez. E, quando escuto falar em dengue, cólera, tifo e outras, recordo-me do quanto elas castigaram o homem do passado, que ainda não conhecia vacinas, penicilina, imunizações em massa, saneamento, educação ambiental.

Recorro, como tenho feito muitas vezes, às lições do saudoso jornalista Júlio Mariano, grande figura do antigo **Correio**, autor de livros que o consagraram, e que costumava assinar Mariano, o Velho.

Encontro em seu precioso livro *Campinas de Ontem e de Anteontem* referências aos dias de agitação e de terror na antiga Campinas, nos derradeiros meses de 1855 e princípios de 1856. Ele buscou luzes no livro de Lycurgo de Castro Santos Filho. O cólera-morbus, como escreviam os antigos, fez sua aparição no Brasil, no Sul do Pará, e logo se espalhou por todas as províncias. Matou 200 mil pessoas.

Na época, os médicos pediram que se fundasse um lazareto para acolher os doentes; que se limpasse a cidade, sendo o lixo acumulado na baixada da Rua Sacramento, multando quem não o fizesse. Quanto aos pantanaís e depósitos, uma comissão médica sugeriu a requisição de grupos de escravos para as obras, e o doutor Theodoto Langaard recomendou que se criasse no Brejo, que era o pantanal perto da atual Avenida Anchieta, incluindo parte do Jardim Carlos Gomes, chamada do Poente, outro depósito de lixo. Ali,

no Jurumbeval, a área era alagadiça. E mais tarde, ali mesmo, foi construído o Mercado Municipal.

Dois homens importantes da administração, Joaquim Egídio de Souza Aranha e José Francisco de Andrade, foram de grande valia.

Ainda para sanear a cidade, a comissão médica sugeriu a mudança do curso de água da nascente do Tanquinho (Largo do Pará), que descia em corredeira pela Rua Direita, e depois pela Rua do Góis (César Bierrenbach), antes de se espraiar pelo alagadiço do Brejo ou Nascente. Não houve dinheiro para estas obras. Mas, por pura sorte, o cólera-morbo passou longe de Campinas.

Referindo-se aos problemas de Saúde de Campinas antiga, o jornalista Júlio Mariano ainda mencionou a figura benemerita de Joaquinzinho Boticário, ou Joaquim Correa de Melo, um grande cientista, conhecido até na Europa.

A peste das bexigas teve surto epidêmico em 1858. Matou muita gente, e até o Paço Municipal foi interditado, conforme registra o precioso *Almanaque de Campinas*, organizado por Benedito Otávio e Vicente Melillo, quando diz que somente no mês de maio de 1875 faleceram em Campinas 130 pessoas vitimadas pela varíola. Bexigas é o nome popular para varíola. Conta-se que, na calada da noite, passava pelas ruas uma carreta empurrada por homens contratados para levar os corpos das vítimas ao cemitério, onde eram lançados numa só cova.

Campinas, pelo seu adiantamento sociocultural, teria sido a capital da província, não fossem os surtos devastadores da febre amarela. Mas isso é uma longa história. O que se quer ressaltar aqui é a dedicação dos médicos e dos políticos da época. Talvez eles já pressentissem que a cidade crescería muito, desenvolvendo-se em todos os sentidos, nos tempos futuros.